

PELO “GIGANTE DOS RIOS”: REPRESENTAÇÕES MARAJOARAS NA ÓTICA DE EMÍLIO CARREY

Agenor Sarraf Pacheco¹

Bruna Caroline Castor da Silva²

RESUMO

Nas três primeiras décadas do século XIX, o mundo amazônico com destaque para a realidade marajoara recebeu a presença do viajante francês Emílio Carrey. O resultado de sua viagem foi traduzido no romance-histórico “O Amazonas”, escrito em duas “partes – O Mulato de Marajó (Primeira Parte) e Os Revoltosos do Pará (Segunda Parte)”. Neste ensaio, fundamentados nos Estudos Culturais e na História Cultural e centrado-nos na leitura de “O Mulato de Marajó”, na primeira parte, procuramos explorar o lugar dos escritos de Carrey na historiografia brasileira e amazônica e, na segunda parte, representações construídas em torno do cotidiano das gentes marajoaras. Na hermenêutica da obra emergem visões de desprezo e possíveis preconceitos desenhados pelo excursionista sobre a nação brasileira e seus habitantes, igualmente percepções distintas nos modos de ver indígenas e negros em suas lutas diárias pela existência em tempo da guerra cabana.

Palavras-Chave: Relatos de Viagem; Representação; Cotidiano; Marajoara.

Introdução

O ensaio é resultado da pesquisa desenvolvida por meio do sub-projeto “Patrimônio & Cidade na Belle Époque Marajoara (1890-1920)”, parte constituinte do Projeto “Cartografia de Patrimônios: História e Antropologia em Cidades-Florestas³ Marajoaras (1840-1920)”, sob a coordenação do Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco, o qual pretendeu cartografar representações de patrimônios⁴ urbanos edificados, praticados e/ou marginalizados pelo poder público na relação com os moradores, no período de 1840 a 1920, na Amazônia Marajoara por meio de exercícios etnográficos em documentos escritos e visuais.

Financiada pelo CNPq por intermédio das Bolsas PIBIC/CNPq de 2012 a 2015, a pesquisa procurou mapear narrativas de viajantes, naturalistas, jornalistas, entre outros escritores que descreveram a vida nas cidades marajoaras, as políticas de construção e condições de preservação de bens públicos, assim como práticas e tensões culturais em torno desses lugares de memória⁵ (NORA, 1993). A cartografia ainda se propôs analisar imagens do fotojornalismo, assim como fotografias de acervos públicos e privados que permitissem alcançar representações desses patrimônios urbanos marajoaras no período em tela.

Os primeiros dois meses de pesquisa foram realizados no setor de Microfilmagem, na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves ou Centro Cultural Tancredo Neves (CENTUR), onde estão disponíveis 1.803⁶ microfilmes para o público. Igualmente alguns jornais paraenses podem ser acessados nesse formato no setor de Obras Raras.

Apesar de demorarmos dois meses percorrendo os jornais *A Província* (1876), *A Arena* (1887), *Amazônia* (1888), *Binóculo* (1870), *Autonomista* (1888), *Agrônomo* (1899) raramente encontramos evidências que interessassem aos objetivos da pesquisa. Devido aos escassos resultados encontrados nesses primeiros jornais pesquisados, em diálogo orientador e orientando remodelamos a proposta inicial que tinha como objetivos: a) Analisar representações de patrimônios edificados em cidades marajoaras em escrituras de viajantes, jornalistas e outros narradores; b) Apreender relações entre patrimônio e cidade, sondando embates e negociações, no contexto da Belle Époque Amazônica, a partir da Amazônia Marajoara; e c) Identificar semelhanças e diferenças nas políticas de edificações de obras públicas entre Belém e cidades marajoaras no período de 1890-1920.

Para tanto, a obra “O Amazonas” em sua primeira parte, intitulada “O Mulato do Marajó”, do escritor e viajante francês, Emílio Carrey (1820-1880), por contextualizar a região marajoara no período da cabanagem, contribuiria para acompanhar aspectos da história da região nas primeiras décadas do século XIX e nos dar base para o entendimento das décadas posteriores.

O interesse pela investigação justificou-se por dois motivos: o primeiro porque tratava-se de um viajante estrangeiro que percorreu o arquipélago de Marajó e fez registros importantes da vida na região, destacando as particularidades dos moradores, sejam eles nativos, diaspóricos, migrantes de nacionalidades diversas e colonizadores portugueses e os ambientes marajoaras com destaque para hábitos culinários, diversidade das águas

1 Professor Adjunto III da

Universidade Federal do Pará, lotado no Instituto de Ciências da Arte (ICA), atuando no Curso de Bacharelado em Museologia e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia e História Social da Amazônia. Líder do Grupo de Estudos Culturais na Amazônia (GECA/CNPq/UFGA).

2 Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Pará.

- 3 O conceito “cidade-floresta” foi elaborado durante o mestrado, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP por Agenor Sarraf Pacheco, sob a orientação da professora Dr^a Maria Antonieta Antonacci. Ao trabalhar memórias de moradores do espaço florestal de Melgaço, migrantes para a cidade em busca de melhores condições de vida a partir de 1950, Sarraf-Pacheco percebeu “que as formas como abriram ruas, construíram habitações e quintais, sustentaram criações e plantações ou relacionaram-se com novos vizinhos e o meio ambiente circundante, estiveram assentadas em saberes e experiências do mundo rural/florestal. Desse modo, a cidade passou a ser vista não apenas como resultado das intervenções de técnicos da administração pública, mas também como ações das relações estabelecidas por populações ribeirinhas com o espaço urbano em construção” (SARRAF-PACHECO e SILVA, 2015, p. 94).
- 4 A palavra patrimônio vem do latim, *patrimonium*, e estava voltado para todas as posses do pater, pai. Nas linhas de Funari e Pelegrini (2006, p. 11), esses patrimônios referiam-se a bens materiais, humanos e naturais de valor aristocrático e privado. Com o correr do tempo, as novas acepções que o termo irá incorporar estarão ligadas às formas de organização política, social e econômica das sociedades modernas. Foi, então, no contexto de formação dos Estados nacionais que determinados agentes, respaldados em instrumentos jurídicos, definiram o conjunto de bens que deveriam estar sob a proteção da gestão pública (FONSECA, 2009).

e patrimônios locais; segundo porque é uma obra pouco explorada em se tratando da Amazônia nas primeiras décadas do século XIX, com destaque para os tempos de insurreição provocados pelas muitas cabanagens que pipocaram e estremeceram a região e suas fronteiras nacionais e internacionais.⁷

Assim, no segundo semestre de pesquisa, depois das mudanças necessárias acerca do material empírico da pesquisa, por sugestão da orientação, detivemo-nos na Sessão de Obras Raras da Biblioteca da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (CENTUR) para ler esse romance de cunho histórico, que pode ser encontrada em três edições (duas em português de Portugal e uma em francês).

Para interpretarmos criticamente os relatos de Emílio Carrey, procuramos dialogar com pesquisadores dos Estudos Culturais e História Cultural, os quais têm refletindo criticamente sentidos, usos e abusos dessas narrativas de viagem na relação entre metrópole e colônia e o que procuraram provocar, em termos de impacto na organização sociocultural das comunidades locais. Sob a ótica do conceito de representação, esforçamo-nos por rastrear sujeitos, práticas e diferentes relações em estabelecimento naqueles tempos.

Na esteira de Roger Chartier (1997, p. 17), as representações construídas sobre o mundo social pelos mais variados canais comunicacionais ainda que pareçam revelar verdades universais e assentadas em dados objetivos da realidade, são produto de interesses dos grupos que as forjaram. Toda representação envolve desafios, concorrências, competições, poder e dominação. “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio”.

José Alencar Alves ao analisar as atividades científicas dos naturalistas Alfred Russel Wallace (1823-1913)

e Henry Bates (1825-1892) e suas interações com a natureza e a cultura da região amazônica, como objeto de investigação científica, fonte de conforto e prazer estético, assinalou:

Sabe-se que a ciência moderna se expandiu, desde seus primórdios na Europa do século XVII, para outras regiões do mundo. Alguns efeitos desta expansão são bem conhecidos. Transformaram acentuadamente as mentalidades, os hábitos, as técnicas, os valores, os modos de vida, ou seja, os diversos aspectos da cultura de outros povos que, gradativamente, passaram a adotar o modo de vida das sociedades científicas e tecnológicas. (2011, p. 776)

As interações iniciais com estudos de Alves (2011) fizeram esforçamo-nos por buscar aproximações com outros intelectuais que se debruçaram em obras de viajantes, naturalistas e romancistas do século XIX, a exemplo do historiador amazonense Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro (1999; 2013), especialista na temática da cabanagem e conhecedor das obras de Emílio Carrey. Tal exercício será experienciado a partir de agora. Antes, conheceremos um pouco sobre autores que leram e comentaram o trabalho do viajante francês.

Visões sobre “O Amazonas” de Carrey

O romance-histórico “O Amazonas” por muito tempo permaneceu ignorado pelos cientistas de todas as áreas, em especial os historiadores, possivelmente pelo fato de Carrey expressar, sem receio, seu desprezo pelo Brasil e seus colonizadores. Portanto, assim criou-se um certo descrédito por parte dos pesquisadores sobre o uso de seu livro como fonte de consulta. Isso talvez explique as raras referências sobre as duas partes de “O Amazonas – O Mulato de Marajó (Primeira Parte) e Os Revoltosos do Pará (Segunda Parte)” em trabalhos de pesquisadores brasileiros e amazônidas. Durante seis meses de pesquisa, sobre a história do Brasil, conseguimos mapear

apenas os trabalhos de Magalhães (1940) e Carneiro (2009) e em se tratando do mundo amazônico interagimos com os trabalhos de Henrique (2007) e Pinheiro (1999; 2013), além de indicações esparsas em alguns sites.

No Catálogo de Estudos Regionais, disponível no site da Câmara Federal, sobre essa obra em sua segunda parte, o tradutor assinala em nota ao leitor, que

Emilio Carrey é o castigo do Brasil, neste seu livro. Aquelle império, principalmente na sua corte, em vez de perfilhar os costumes tradicionalmente locais, e tendentes a tornar característica a sua nacionalidade, despreza inconsideravelmente estes, para adoptar sem exame tudo que lhe vem de França. Os brasileiros, em extremo afrancezados, são cruelmente apreciados por um francez!⁸

Magalhães já em 1940 escreveu que “uma vez que nos emaranhamos no aranhado da bibliografia concernente à Cabanagem — não podemos deixar de trazer à baila um escritor francês, fecundo, mas de pouco ou nenhum fulgor intelectual, que, na segunda metade do século próximo findo, perpetrou quatro volumes sobre a Amazônia, dois dos quais especialmente consagrados a eventos da guerra civil, ali desencadeada no interregno da Regência” (p. 239-240).

De Emilio Carrey publicou a casa parisiense de Michel Levy Frères, sob o título geral L'Amazone, os livros seguintes: — Huit jours sous l'Equateur (1856), Les métis de la Savane (1857), Les révoltés du Pará (1857) e La dernière des N'Hambahs (1872). Os três primeiros foram reeditados em 1872, formando com o último uma série completa de quatro tomos numerados. Apesar das injúrias e calúnias, que o prosador gaulês ejaculou nos seus dois trabalhos de 1857, em feitiço de novelas de viagem, sobre o Brasil e os brasileiros, não hesitou o sr. F. F. da Silva Vieira em trasladá-los a vernáculo, anotando-os embora, algumas vezes, com páldas palavras de defesa da nossa gente; essas traduções saíram de prelo lisbonense em 1862, sob os títulos de Os mulatos de Marajó e Os revoltosos do Pará, articulados como “primeira parte” e “segunda parte” da obra O Amazonas. Além da mancheia de insultos e ridículos, vomitados sobre a nossa pátria por esses grosseiros romances, tudo mais que deles consta é de todo imprestável a quaisquer respigas de diluição histórica (MAGALHÃES, 1940, p. 239-240).

De acordo com o que catalogou João Paulo Jeannine Andrade Carneiro acerca de viajantes franceses que passaram por territórios brasileiros no século XIX, Carrey foi um “literato francês enviado ao Peru e à Amazônia, pelo ministério

dos Assuntos exteriores e da Marinha da França, para fornecer informações políticas e comerciais (LARROUSE, 1867, p. 451 apud CARNEIRO, 2009, p. 06). Ele passou quase três anos no Peru e em 1835 desceu o Amazonas até Belém. Carrey explorou o delta do Amazonas e os territórios contestados entre a França e o Brasil. A seringueira lhe despertou bastante interesse nesta região. Por meio de uma canoa Carrey chegou à Caiena” (PREVOST e D'AMAT, 1956:1246; BROU, 1999, p. 58 apud CARNEIRO, 2009, p. 06).

Já o endereço http://bndigital.bn.br/francebr/romance_brasileiro.htm, cujo objetivo é discutir o Brasil na literatura francesa do século XIX, sobre os escritos de Carrey, aponta que:

Podemos também aproximar parcialmente do filão marítimo os quatro tomos de L'Amazone, de Émile Carrey (1820-1880). Advogado, tendo trabalhado na difusão de documentos parlamentares sob o reinado de Louis-Philippe e também para o governo da Segunda República, logo em seguida este autor viajou para a América do Sul, antes de acompanhar a expedição militar na Cabília, em 1857 (Récits de Kabylie, 1858). O primeiro volume de L'Amazone, Huit jours sous l'équateur (1856), foi logo seguido por Les Métis de la Savane (1857) e por Les Révoltés du Para. Com sucesso, já que os três foram logo reeditados, pelo menos uma vez antes de 1860. Um certo didatismo, misturado ao romanesco e à aventura exótica, não vai deixar de inspirar o Jules Verne de A jangada (ver “O Brasil infante-juvenil”), sem dúvida um leitor da reedição de 1872, que inclui La Dernière des N'hambahs. Também autor de um livro sobre o Peru (1875), Émile Carrey vai ingressar na carreira política durante a Terceira República, da qual ele será um dos deputados.

5 A pesquisa gerou até 2015 as seguintes publicações (ARAÚJO, 2013; 2014; ARAÚJO e SARRAF-PACHECO, 2014; ARAÚJO; MELO e SARRAF-PACHECO, 2015; CUTRIM, 2013; SARRAF-PACHECO e CUTRIM, 2014; MELO, 2013; 2014; MELO e SARRAF-PACHECO, 2014; SANTOS FILHO, 2015; SILVA, 2015)

6 Microfilmes: <http://www.fcptn.pa.gov.br/index.php/espacos-culturais/gbpav-gerencia-da-biblioteca-publica-arthur-vianna/microfilme>

7 Sobre a ideia de que muitas foram as revoltas, entre outros ver: Pinheiro (2001) e Lima (2014).

8 Disponível em http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/novoconteudo/acervo/catalogo/estudos_regionais.pdf. Acesso em 08/08/2015.

No romance histórico “Os Mulatos de Marajó”, Carrey traz inúmeras informações acerca do cotidiano marajoara de forma geral e revela relações sociais entre nativos, moradores e estrangeiros, tornando-se uma significativa fonte histórica para se estudar a região na primeira metade do século XIX. Em muitas passagens, as descrições são densas com detalhes, indicando que houve pesquisas anteriores ao período da própria viagem.

Para Eduardo Batista (2009) muitos viajantes que percorreram o território brasileiro desde o século XV se tornaram tradutores de cultura e produtores de relações interculturais. O resultado das viagens gestou variadas representações das populações locais, muitas vezes subalternizadas e violentadas em seus modos de viver (SPIVAK, 2012). Emílio Carrey tinha consciência das dificuldades enfrentadas pelas populações indígenas da América nos encontros e confrontos com o europeu, por isso assinalou que “[...] em toda parte, em que o branco põe o pé, colonizador e vitorioso, a raça indiana recua, desaparece e morre” (1862, p. 110).

A despeito das muitas dificuldades enfrentadas nas relações de contato com o chamado “homem branco”, bem como com o fulminante epistemicídio, os muitos grupos indígenas que habitavam a América utilizaram diversas táticas para frear os projetos colonizadores. Não podemos esquecer, contudo, que o discurso colonial procurou justificar e naturalizar a hegemonia europeia sobre territórios, pessoas e culturas em tentativa de colonização.

Modernamente o trabalho desse corpo de funcionários foi substituído por, entre outros, o etnógrafo e o acadêmico, e o poder colonial foi substituído pelo neoimperialismo econômico e cultural. A violência implícita nessas representações consiste basicamente em caracterizar uma suposta incapacidade de autogerência e desenvolvimento

desses povos sem a tutela europeia, além de vincular a determinação de sua identidade cultural a um discurso eurocentrista. Neste trabalho apontamos como algumas dessas práticas se desenvolveram na história brasileira, demonstrando de que forma as representações culturais sobre o outro podem trazer implicitamente um discurso de dominação (BATISTA, 2009, p. 307).

Fica claro a partir da compreensão do pesquisador que as relações interculturais captadas nas literaturas de viagem e sua hermenêutica são produzidas entre encontros, relações de poder e estratégias variadas de dominação sobre o outro e seus universos cosmológicos. O “discurso de dominação pode se concretizar através da manipulação e disseminação de imagens dessas culturas onde os critérios políticos se sobressaem aos estéticos ou científicos” (BATISTA, 2009, p. 296).

Pelas Letras da Viagem: Carrey no Marajó

[...] pôde-se, pelo menos, prevenir o futuro, com o estudo do presente (CARREY, 1864, p. 109).

O uso de obras literárias, até mesmo romances-históricos, como fonte de pesquisa são comuns no âmbito acadêmico das últimas décadas, porém, por desconfiança e descrédito, muitas ficaram por longos anos e, até, décadas na penumbra. Nas linhas de Luís Balkar Pinheiro (2013, p. 325), “as obras ditas literárias e, em especial, o romance histórico – gênero que se consagrou no século XIX – mantiveram-se por muito tempo afastadas da abordagem historiográfica, seja pelo fato de sua natureza ficcional conflitar noções mais restritas de documento, adotadas pelos historiadores do passado, seja igualmente por conflitar com as expectativas de objetividade e cientificidade que tais historiadores assumiam”.

História semelhante aconteceu com a obra “O Amazonas”, especialmente em sua Primeira Parte – Os Mulatos do Marajó, de

Emílio Carrey, que permaneceu silenciada por pesquisadores. Entretanto, como é observado por Luís Pinheiro, as expedições de Carrey que resultaram na produção da obra ao se situar-se no período da cabanagem, reconstrói como estava Belém do Pará naquele contexto insurreto, tecendo crítica ao governo em deixar a província naquele clima de acefalia.

Na epocha em que o Carolina chegou ás costas do Brazil, estava a revolução em toda a sua força. A cidade do Pará ou Belem, tinha sido tomada pelos revoltosos, que já alli tinham estabelecido, melhor peor, um governo bonacheirão por medo ou importencia, e a provincia ia-se governando por si mesma: isto é, os que tinham fora para viver respeitados faziam-se respeitar; os que podiam roubar roubavam, e, excepto em Belem, por toda a parte se estabeleciam pequenos déspotas, especie de bandidos locaes. (CARREY, 1862, p. 142-143)

As representações das populações marajoaras pelo literato e viajante francês traz distinções. O índio aparece como um sujeito diferente dos demais, especialmente dos negros e dos brancos. Orientados por uma cosmologia específica, as lutas e disputas políticas no contexto da cabanagem não lhes interessavam, de acordo com apreensões de Carrey. As populações nativas por serem livres, enfrentavam os mais diversos obstáculos para defender o sentindo maior de suas existências: a liberdade.

Quanto aos índios selvagens, formavam como sempre, um mundo à parte. Fatigados por se verem chamados e incommodados por um ou outro dos dois partidos; indifferentes áquella luctas que não tinham nada com as suas paixões ou com a sua vida, retiravam-se cada vez mais para o interior, abandonando as margens do Amazonas e as visinhanças de Belem, fócios da guerra civil. Olhavam tão

desdenhosamente o negro que se conservava escravo apesar da tempestade política, como os brancos que se aniquilavam uns aos outros, por causa de palavras mais ou menos sonoras; porque os índios professam uma filosofia incompreensível para os europeus, mas que tem a sua grandesa selvagem. O índio, é o homem livre por excellencia; é elle quem presta o verdadeiro culto à liberdade; é elle quem sabe defendel-a até morrer; [...] (CARREY, 1862, p. 141).

Márcio Couto Henrique discutindo conflitos e rebeldias agenciados por grupos indígenas no século XIX para deixar ver como esses agentes históricos “não assistiram (...) passivamente (...) a tutela que as políticas públicas e os missionários tentavam lhes impor” (2007, p. 222), recupera passagem “um tanto exagerada” de Émile Carrey sobre a liberdade do índio no arquipélago de Marajó em tempos cabanaís.

O índio só presa uma coisa no mundo – a sua liberdade; mas uma liberdade completa, absoluta, sem limites; não uma liberdade como a nossa, mesquinha, limitada, igualitária e despótica: impaciente para com um único senhor, pacientíssima para com muitos: encadeada em todos os músculos por prejuízos, leis, contratos, necessidades e vaidades estúpidas! [...]. O índio é cavale, indomplable et rebelle. Sans frein d’acier ni Rénes d’or.

Liberdade virgem, que não conhece, não aceita, não se submete a coisa alguma, que não seja o seu próprio capricho (CARREY, 1862, p. 95 apud HENRIQUE, 2007, p. 229).

Certamente a compreensão do literato francês difere da historiografia da cabanagem que traz a participação de muitos índios na grande guerra em distintos territórios paraenses e nas

fronteiras com o arquipélago de Marajó, lutando por seus interesses e perspectivas de um mundo melhor (LIMA, 2004; 2007; 2014; PINHEIRO, 1996; 1999; 2001; 2013; RICCI, 2001; 2006; 2012). Mais é preciso lembrar, conforme chama a atenção Henrique que não é possível pensar o papel tanto das missões religiosas, quanto dos grupos indígenas no século XIX com base na mesma lógica de compreensão utilizada nos séculos anteriores. Nas palavras do autor, “os índios sujeitos a política indigenista do Brasil do século XIX preferiam viver *Sem Vieira, nem Pomba!*” (HENRIQUE, 2007, p. 230).

As representações sobre o mulato e o negro revelam as dificuldades do viajante com a estética física e as vestimentas desses “corpos bronzeados” pelo sol marajoara em contexto cabanal de trabalho com a madeira.

Sobre a jangada estavam tres homens vestidos do mesmo modo; isto é, com calças avermelhadas que não passavam do joelho, as cabeças e os corpos bronzeados, completamente nus e expostos aos raios do sol [...]. Um d’elles era um mulato quasi preto. O craneo monstruoso e coberto de emaranhada carapinho, a barba muito rara, preta e igualmente encarapinhada, os olhos redondos de pálpebras pretas sobre um branco amarelado e ralado de sangue, o nariz reprimido, os espessos lábios, o pescoço extremamente curto. (CARREY, 1862, p. 90)

Em 1848 desembarcou no Brasil Alfred Russel Wallace, naturalista e geógrafo britânico, e Henry Bates, naturalista e explorador britânico, para uma incursão no mundo Amazônico. Wallace acreditava, através das leituras prévias, que encontraria nativos receptivos e uma natureza abundante e privilegiada, tanto cientificamente quanto para o conforto estético. Após um ano de pesquisa conjunta, ambos decidiram separar caminhos para abarcarem um território

maior.

Bates, apesar de não ser biólogo, documentou cerca de 14.000 espécies, sendo maioria insetos e 8.000 delas nunca documentadas antes. O objetivo central de Rubens Ferreira (2004) é mostrar como, ainda nos dias de hoje, a transferência de informações produzidas durante 11 anos de trabalho de campo e deixadas por Henry Bates em *O Naturalista no Rio Amazonas* (1863), e que apesar de não ser biólogo é uma das principais referências na área.

Ao chegarem ao Brasil, depararam-se com uma imagem drasticamente diferente do que haviam observado, principalmente em Belém, na cidade do Pará, no qual Bates nota que maior parte da população local é formada por índios, negros e mestiços, enquanto a elite local é formada por europeus e seus descendentes.

Semelhante a Carrey, décadas depois Wallace e Bates estranharam e aparentemente se decepcionaram com a paisagem física e humana da cidade do Pará um lugar urbanizado numa “clareira aberta na mata” (BATES, 1979). No percurso da viagem no navio Carolina pela região marajoara, Carrey (1864, p. 08), observou que “no primeiro andara d’uma casa de triste apparencia, situada próximo do cães; [...] está um homem de mui pequena estatura, e todo vestido de preto. [...] É João Gavilan”.

Na descrição de Carrey o Marajó ou Joanes, a “grande ilha”, por estar cravada na garganta do grande Amazonas e muito próxima de Belém, tornava-se um “centro de depredações” naqueles tempos de guerra. Habitada, na maioria por vaqueiros, mestiços de todas as raças, os quais cuidavam do criatório do gado, tornavam-se “homens endurecidos pelas fadigas, ferozes e vivendo como os animaes que guardavam, prompts para tudo, a exceção do bem, ou de um trabalho regular” (CARREY, 1862, p. 143).

A procura pela terra fantasiosa descrita por cronistas e navegantes pode ser considerada o principal motivo de muitos viajantes. Entretanto, os motivos para

os tripulantes na embarcação *Carolina* virem ao Marajó eram outros, aspecto que causou impacto no excursionista francês.

Os passageiros eram todos da maior vulgaridade: aventureiros em busca de ouro, que deixavam a pátria para encontrarem, sem trabalhar, em paiz estrangeiro, uma existencia que alli não poderia obter; apenas havia entre eles um negociante sério e consciencioso. Uns iam ensinar, a torto e a direito, ou a sua lingua, desapiedadamente, ou uma allopathia que a faculdade não reconheceria; outros iam pra trocar joias falsas, objetos de mão ferro, mas que tencionava, apresentar como sendo de excellente aço, e fazendas já desusadas, pelas patacas e café do Brasil: mil caminhos e um só fim. E todos, homens e mulheres, sequiosos de dinheiro, e de toda a especie de recursos, iam, sob outros céos, procurar a Occasião que nunca tinham encontrado na Europa, onde ella, á força de correr, estava tão coxa e calva, que nunca tinham podido segural-a uma instante pela nuca. (CARREY, pp.50-51)

Antes mesmo de embarcarem para o Brasil, muitos viajantes e aventureiros já carregavam consigo interesse nas relações sociais e financeiras. E o interesse acontece em ambos os lados, assim que a embarcação é avistada, moradores e nativos já criam suas expectativas e planos de criarem laços ou de saquearem a embarcação na ótica de Carrey.

O primeiro encontro dos tripulantes com a região aconteceu antes de puserem os pés sobre as terras, foi a paisagem e em seguida o clima e sua imprevisão. Parados por algum tempo, por conta da maré baixa, tiveram sua primeira experiência em um clima quente e úmido da região.

Durante o tempo em que ficaram parados à mercê da lua e da maré, contemplaram uma vista privilegiada do Rio Amazonas. Um

dos momentos em que podemos perceber detalhes na descrição do escritor francês:

O Amazonas é o gigante dos rios. Da sua nascente á embocadura tem 1:200 legoas (4.800 kilometros) de curso. Em seu caminho recebe as agoas de cem outros, dos quaes, trinta, vomitam-lhe mais agora do que o Sena no Oceano, onde tão potentes como o Rheno, seis tão grandes quanto o próprio Amazonas. Ocupa pelas suas próprias agoas, ou pelas dos seus tributários, 2,5 grãos de latitude, sobre 30 de longitude, isto é, um comprimento de 600 sobre 700 legoas! É o maior systema hydrographico do globo terrestre, é a rede mais vasta, mais completa, e mais fácil de estradas naturaes que existe ou existio em todo o mundo conhecido. (CARREY, p. 102-103)

Segundo o autor, o rio Amazonas se lança ao mar por duas grandes “bocas”, separadas pelo arquipélago do Marajó ou Joannes, que tem 180 léguas de circunferência. Carrey explica também que os bancos de terra ou de areia e lodo, formam e formarão ilhas cobertas de vegetação, sendo o Marajó uma dessas ilhas, talvez a primeira, pelo o que indica a configuração do seu solo (CARREY, p. 105).

Governantes da parte do continente latino-americano banhada pelo grande rio das Amazonas, todavia, não desenvolveram a habilidade para cuidar da navegação no principal patrimônio geocultural dessa significativa porção do planeta terra. Para Émile Carrey o trânsito de embarcações de diferentes postes de um extremo ao outro, infelizmente não despertou naquelas autoridades constituídas a compreensão de que é preciso “aproveitar aquella via de comunicação sempre aberta, a mais perfeita e magnifica machina de civilisação, que a Providencia tem dado ao homem. Tanto no Brazil como nas republicas hespanholas, em toda a bacia do Amazonas, não se encontra um pharol, um porto, um caes, ou um ancoradouro, nem mesmo uma argola para amarrar um

escaler” (CARREY, 1862, p. 107).

Em meio a suas colocações, as quais, boa parte, hoje poderiam ser lidas como racistas, o autor faz suposições impossíveis, porém interessantes quando se refere aos vestígios indígenas: “se por uma catastrophe, a nossa raça branca chegasse a desaparecer da bacia do Amazonas, a sua ocupação duas vezes mais secular não deixaria mais vestígios dos que se encontram da raça indiana” (p. 107). Percebemos que, apesar da superioridade europeia defendida por Carrey, o mesmo reconhece que a cultura indígena é sem dúvida grandiosa e rica.

Entretanto, o reconhecimento cultural se faz parte apenas entre os indígenas, pois escondido nas falas dos tripulantes e indígenas, Carrey exhibe sua repulsa pelos negros:

Um d’elles era um mulato quasi preto. O craneo monstruoso e coberto de emaranhada carapinho, a barba muito rara, preta e igualmente encarapinhada, os olhos redondos de pálpebras pretas sobre um branco amarelado e ralado de sangue, o nariz reprimido, os espessos lábios, o pescoço extremamente curto (CARREY, 1862, p. 90).

Se Carrey procura ressaltar diferenciações nos modos de ser e viver entre índios e negros, um aspecto comum, no entanto, não passou despercebido no olhar do viajante: a relação com o tempo cronológico. Assinala o escritor francês: “Tanto os índios como os negros, ignoram sempre a idade que teem; e bem poucos conhecem as divisões do tempo (1862, p. 120).

Considerações Finais

A produção social da escrita faz-se sob diversas influências. Cronistas, viajantes, naturalistas, literatos, entre outros escritores constroem seus textos articulando e negociando, quase sempre em profundos questionamentos, visões

REFERÊNCIAS

ALVES, José Jerônimo de Alencar. *A natureza e a cultura no compasso de um naturalista do século XIX: Wallace e a Amazônia. Hist. cienc. saúde-Manguinhos* [online]. 2011, vol.18, n.3, pp. 775-788. .

ARAÚJO, Lucas Monteiro de Araújo. *Amazônia Marajoara em Relatos: Economia, Poder e Patrimônio antes da Belle Époque. Iniciação Científica. (Graduando em Museologia)* - Universidade Federal do Pará, 2014

ARAÚJO, Lucas Monteiro de. *Nas Margens da Belle Époque Amazônica: Patrimônio e Relações de Poder nos Marajós. Iniciação Científica. (Graduando em Museologia)* - Universidade Federal do Pará, 2013.

ARAÚJO, Lucas Monteiro e SARRAF-PACHECO, Agenor. *Nas Margens da Belle Époque Amazônica: Patrimônio e Relações de Poder nos Marajós. Muiiraquitã (UFAC)*, v. 03, p. 91-118, 2014.

ARAÚJO, Lucas Monteiro; MELO, Josiane Martins e SARRAF-PACHECO, Agenor. *Outra Belle Époque: Patrimônio, Economia e Relações de Poder na Amazônia Marajoara. Anais Eletrônico do IV Colóquio Nacional: História Cultural e Sensibilidade, Caicó-RN*, v. 01, p. 1253-1273, 2015.

BATISTA, Eduardo Luis Araújo de Oliveira. *Tradução, viagem, literatura: (re)escrevendo e colonizando uma cultura. Alea* [online]. 2009, vol.11, n.2, pp. 296-308.

CARNEIRO, João Paulo Jeannine Andrade. *Exploradores Franceses na Amazônia Brasileira durante o Século XIX: Breve Bibliografia. Disponível em <https://enhpgee.files.wordpress.com/2009/10/joao-paulo-jeannine.pdf>. Acesso em 08/08/2015.*

CARREY, Emílio. *O Amazonas: Segunda Parte - Os Revoltosos do Pará - descrição de viagem. Traduzida*

peçoais, familiares, científicas, religiosas e psicológicas. Em se tratando de Émile Carrey, observamos que por ser de naturalidade francesa e estar escrevendo acerca de uma realidade em tempos de conflito, ao comparar o desenvolvimento de seu país ou dos países do Norte, revelou seu desprezo.

Segundo Raymond Williams (1984), trabalhar estritamente com uma obra é, em alguns momentos, penetrar na “ideologia” dos editores e disseminadores. Não se sabe até onde as interferências de F. F. da Silva, o tradutor, reeditam a discrição original de Carrey, para isso seria necessário a leitura da obra na língua natal do escritor, mas não foi possível realizar tal intento.

A partir do momento em que os viajantes traçam expectativas em torno daquilo que desejam ver e escrever, mesmo sabendo que a realidade vivida pode surpreender esses expedicionários, motivando-os a outros exercícios de escrita, é possível que planos iniciais não se percam de vista, mas sofrem significativas alterações em seu processo de construção.

Nesses quadros, a memória assume importante papel, pois o que Carrey viveu, tomou nota e depois transformou em seu romance-histórico é fruto de movimentos seletivos de escolhas, silêncios, recriações e reverberações de seu olhar no contexto da escrita. Assim, ganha força o lugar da representação na confecção do texto e da identidade do próprio viajante que, quanto mais repensa, seleciona palavras, traça enunciados, deixa-se revelar em seus processos de identificação e avaliação com a pátria e a terra estrangeira.

e anotada por F. F. da Silva Vieira. Lisboa: Typ. do Futuro, 1862, 407p.

CARREY, Emílio. *O Amazonas: Primeira Parte - Os Mulatos do Marajó. Tradução por F. F. da Silva Vieira. Lisboa: Typographia do futuro, 1862. 403p.*

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio. Tradução de Luciano Vieira Machado. 4ª ed. - São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.*

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990, p. 17*

CUTRIM, Haney Lemos. *Marajoaras na Belle Époque: História, Patrimônios e Condições de Vida. Iniciação Científica. (Graduando em Bacharelado em Museologia)* - Universidade Federal do Pará, 2013.

FERREIRA PENHA, Domingos Soares. *A Ilha de Marajó. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr.*

Francisco Maria Corrêa da Sá e Benevides. Belém: Tipographia do Diário Grão-Pará, 1876.

FERREIRA, Rubens da Silva. *Henry Walter Bates: um viajante naturalista na Amazônia e o processo de transferência da informação. UFPA. Brasília, v. 33, n. 2, p. 67-75, maio/ago, 2004.*

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.*

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *Patrimônio histórico e cultura. São Paulo: Zahar, 2006.*

HENRIQUE, Márcio Couto. *Sem Vieira, nem Pombal: memória jesuítica e as missões religiosas na Amazônia do século XIX. Asas da Palavra (UNAMA), v. 10, p. 209-233, 2007.*

LIMA, Ana Renata do Rosário. *Cabanagem: Uma Revolta Camponesa*

no Acará. 1. ed. Belém: Prefeitura Municipal de Belém, 2004

LIMA, Ana Renata do Rosário. Olhares sobre o outro: palavras e imagens das autoridades provinciais em tempo de rebeldia (Grão-Pará séc.XIX). Anais do XXIV Simpósio Nacional de História, Porto Alegre, 2007, p. 01-11.

LIMA, Ana Renata do Rosário. Terra de Revolta. 1. ed. Belem: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2014.

MAGALHÃES, Basílio de. Estudos da História do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940. Disponível em <http://www.brasiliana.com.br/obras/estudos-de-historia-do-brasil/pagina/240/texto>. Acesso em 08/08/2015.

MELO, Josiane Martins e SARRAF-PACHECO, Agenor. Sob o Signo de Aquário: O Patrimônio Marajoara em Tempos de Belle Époque. Muraquitã (UFAC), v. 3, p. 199-220, 2014.

MELO, Josiane Martins. Cartografia de Patrimônios: Edificações, Economia e Doenças na Belle Époque Marajoara. Iniciação Científica. (Graduando em Museologia) - Universidade Federal do Pará, 2014

MELO, Josiane Martins. Sob o Signo de Aquário: O Patrimônio Marajoara em Tempos de Belle Époque. Iniciação Científica. (Graduando em Museologia) - Universidade Federal do Pará, 2013.

NORA, Pierre. Entre História e Memória - a problemática dos lugares. Projeto História, v. 10, PUC-SP, p. 7-28, 1993.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. De Mocamboiro a Cabano: notas sobre a presença negra na amazônia na primeira metade do século XIX. Terra das Águas: Revista de Estudos Amazônicos, Brasília, v. 1, n.1, p. 148-172, 1999.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Nos Subterrâneos da Revolta: lutas e tensões sociais na Cabanagem. Boletim de Pesquisa do Programa de Estudos Pós-graduados em História da PUC-SP, SÃO PAULO, v. 6, p. 97-105, 1996.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Um francês, um brasileiro, um português: Tensões luso-brasileiras na obra de Emile Carrey. In: José Jobson Arruda; Vera Ferlini; Maria Izilda Matos; Fernando de Sousa. (Org.). De Colonos a Imigrantes: I(E)migração portuguesa para o Brasil. São Paulo: Alameda, 2013, p. 323-335.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Visões da Cabanagem: uma revolta popular e suas representações na historiografia. 1. ed. Manaus: Editora Valer, 2001.

RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. Tempo, Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, v. 11, p. 15-40, 2006.

RICCI, Magda. Do sentido aos significados da Cabanagem: percursos historiográficos. Anais do Arquivo Público do Pará, Belém, v. 4, p. 241-271, 2001

RICCI, Magda. Llagas de guerra y actos de fe política: la 'Cabanagem' en la narrativa historiográfica y antropológica. Boletín Americanista, v. 1, p. 33-57, 2012.

SANTOS FILHO, Luís Alberto Freire dos. Antes da Belle Époque: Patrimônio e Economia na Amazônia Marajoara (1840-1890). Iniciação científica (Graduando em Museologia) - Universidade Federal do Pará, 2015.

SARRAF-PACHECO, Agenor e SILVA, Jaddson Luiz Souza. Representações e Interculturalidades em Patrimônios Marajoaras. Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio/MAST - v. 8, n. 1, p. 93-118, 2015.

SARRAF-PACHECO, Agenor; CUTRIM, Haney Lemos. Marajoaras na Belle Époque: História, Patrimônios e Condições de Vida. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, v. 1, p. 157-175, 2014.

SILVA, Bruna Caroline Castor da. Representações Marajoaras na Escrita de Emílio Carrey (1835). Iniciação científica (Graduando em Museologia) - Universidade Federal do Pará, 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o Subalterno Falar? Tradução de Sandra Regina G. Almeida et al. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

WILLIAMS, Raymond. Palavras-chave. Fontana Communications Series, London, Collins, 1976. New edition, New York, Oxford University Press, 1984.